

Como e porque sou romancista: uma autobiografia intelectual

Gabriel Moreira Faulhaber¹

RESUMO: O presente trabalho visa abordar a obra *Como e porque sou romancista*, de José de Alencar. O objetivo é apontar a obra como uma autobiografia intelectual, espécie particular das escritas de si.

Palavras-chave: Autobiografia; Romantismo; Originalidade.

RÉSUMÉ: Ce travail a comme objet l'œuvre *Como e porque sou romancista* de l'écrivain brésilien José de Alencar. Mon but est de montrer que cette œuvre constitue un genre particulier des écritures de soi, à savoir, l'autobiographie intellectuelle.

Mots clés: Autobiographie; Romantisme; Originalité.

No Brasil do século XIX, com a proclamação da independência, verificamos um forte desenvolvimento do Romantismo e, nesse contexto, percebemos um período marcado por um esforço em constituir, consolidar e afirmar uma literatura nacional. Com isso,

escritores da época como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Macedo, Alencar, Guimarães, Távora e Taunay tinham uma forte noção que estavam fundando a literatura brasileira, fundando-a em termos de estetização e tematização das tendências locais através da missão patriótica (CARRIZO, 2001, p. 28).

Dentre todos os citados, destaca-se a figura de José de Alencar, talvez o maior nome do período, publicando, ao todo, vinte e um romances, que vão desde indianistas até urbanos, passando por regionais e históricos. A partir disso, vemos em Alencar uma tentativa de tematizar, de forma abrangente, aspectos de uma nação recém independente.

Em meio a essa vasta produção, encontra-se sua autobiografia, intitulada *Como e porque sou romancista*, escrita em 1873, mas publicada somente, vinte anos mais tarde, em 1893, por seu filho Mário de Alencar. A obra em questão se apresenta como uma suposta carta endereçada a um amigo não identificado, na qual o autor, como o próprio título diz, vai apresentar o processo de sua formação como escritor, dando grande ênfase ao romance *O Guarani* (1857), constantemente comparada com obras do romancista estadunidense James

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora

Fenimore Cooper, autor de o *Último dos Moicanos* (1826). Essa comparação, talvez, seja a grande motivação de Alencar, que parece intentar se mostrar como um escritor original, ciente de seu papel como formador de uma literatura.

Nessa postura de escritor que surge consolidando uma literatura, Alencar se revisita na tentativa de nos mostrar sua produção, principalmente *O Guarani*, como singular. Ele argumenta:

Disse alguém, e repete-se por aí de outavia, que O Guarani é um romance ao gosto de Cooper. Se assim fosse haveria coincidência, e nunca imitação; mas não é. Meus escritos se parecem tanto com os do ilustre romancista americano, como as várzeas do Ceará com as margens do Delaware.

O que se precisa examinar é se as descrições d'O Guarani têm algum parentesco ou afinidade com as descrições de Cooper; mas isso não fazem os críticos, porque dá trabalho e exige que se pense. Entretanto basta o confronto para conhecer que não se parecem nem no assunto nem no gênero e estilo. (ALENCAR, 1959, p.116-117).

Examinando um pouco mais o texto, ao constatarmos esse movimento de retorno à sua produção literária, percebe-se que Alencar tinha uma forte vontade em explicar sua literatura. Temos um escritor com um projeto, um trabalho programático, refletindo sobre sua produção que parece buscar para o país, após uma independência política, uma independência literária. Tais buscas podem ser percebidas nas passagens em que o escritor insiste em mostrar sua originalidade como neste exemplo:

N'o Guarani o selvagem é um ideal, que o escritor intenta em poetizar, despiando-o da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas, e arrancando-o ao ridículo que sobre ele projetaram os restos embruteados da quase extinta raça (ALENCAR, 1959, p.117).

É nesse sentido que Alencar vai elaborar sua narrativa autobiográfica. Para falarmos sobre esse gênero, recorreremos ao teórico francês Phillipe Lejeune, para quem, a autobiografia seria uma "narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (LEJEUNE, 2008, p.14).

Ao lermos *Como e porque sou romancista*, verificamos que o texto parece atender à definição. Além disso, a obra também apresenta aquilo que Lejeune denominou "Pacto autobiográfico", que é estabelecido pela relação de identificação entre autor-narrador-personagem, presente desde o título e confirmado ao longo do texto pelo emprego da primeira pessoa.

Porém, apesar de realmente corresponder à definição de autobiografia dada por Lejeune, a obra de Alencar aparece como um modelo bem específico de autobiografia, cujo

foco difere do paradigma do gênero, representado pelas *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII. Nessa obra, vemos uma intensa busca por um eu, através da evocação pormenorizada dos fatos da vida e da vida íntima, sendo narrados por um tom marcadamente confessional. O que temos em Rousseau é a tentativa de justificativa de uma vida. O que teria impulsionado o filósofo a escrever suas *Confissões* foi o fato de se sentir perseguido, sobretudo com a publicação de um escrito satírico anônimo – de fato da autoria de Voltaire, que apresentava Rousseau como um mentiroso e falso virtuoso, dando como exemplo o fato de o autor de *Emile*, espécie de tratado sobre a educação das crianças, ter abandonado os filhos à assistência pública. Rousseau respondia, pois a um ataque à sua vida pública quanto à privada.

Por sua vez, o que acompanhamos em Alencar, não é exatamente isso, já que o foco é a vida literária do escritor, homem público. Como dissemos, o que se destaca no texto, é o processo de sua formação como escritor. Ou, como o próprio autor diz, trata-se de uma “confidência inteiramente literária” (ALENCAR, 1959, p.105). Em *Como e porque sou romancista*, diferentemente do que ocorre nas *Confissões*, de Rousseau, pouquíssimos fatos da vida íntima do escritor são relatados, por exemplo, a relação com a mãe, que se restringe a pequenas passagens. Todo o resto é deixado de lado em favor da construção da imagem do escritor. Assim, o autor escreve o que pode ser chamado uma autobiografia intelectual, pois “o que está em jogo não são as reminiscências e anedotas de uma vida íntima e pretérita, mas a trajetória de um pensamento” (NORONHA, 2003, p.8). Nesse modelo, os acontecimentos e a rememoração da existência não estão propriamente a serviço de uma confissão da vida privada, como em Rousseau, mas investem na criação de um perfil de intelectual. O que importa é a trajetória e justificativa não de uma vida, mas de um pensamento. No caso de Alencar, os fatos selecionados são, em seu entender, determinantes em sua formação como escritor. Como exemplo disso, podemos citar forte influência exercida pela natureza sobre o autor quando jovem:

Cenas estas que eu havia contemplado com olhos de menino de dez anos antes, ao atravessar essas regiões em jornada do Ceará à Bahia; e que agora se debuxavam na memória do adolescente, e coloriam-se ao vivo com as tintas frescas da palheta do cearense.

Uma coisa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto d’O Guarani e Iracema, flutuava-me na fantasia (ALENCAR, 1959, p. 113).

O que teria motivado o autor a empreender *Como e porque sou romancista* ?. Vejamos

alguns pontos: ao fim da suposta carta, despedindo-se do amigo, ele parece querer se defender de alguma acusação quanto ao rendimento financeiro de seu trabalho

Muita gente acredita que eu me estou cevando em ouro, produto de minhas obras. E ninguém ousaria acreditá-lo, imputam-me isso a crime, alguma coisa como sórdida cobiça.

Que país é este onde forja-se uma falsidade, e para que?. Para tornar odiosa e desprezível a riqueza honestamente ganha pelo mais nobre trabalho, o da inteligência.

Dir-me-á que em toda parte há dessa praga; sem dúvida, mas é praga; e não tem foros e respeitos de jornal admitido, ao grêmio da imprensa (ALENCAR, 1959, p.121).

Todavia, constatamos que a narrativa de Alencar se organiza em torno da explicação e da defesa do seu projeto como escritor original, fundador de uma literatura propriamente nacional. Possivelmente há aí a influência do ensaio “Instinto de nacionalidade”, escrito pelo então jovem Machado de Assis, em 1872, exatamente um ano antes da obra de Alencar. Nesse ensaio, como se sabe, Machado ataca todo o movimento nativista, incluindo, é claro, o romantismo indianista e seu discurso. Machado ainda afirma que não existe ligação alguma entre nação brasileira e elementos referentes ao índio, pois encontra nessa busca por nativismo, nada além daquilo que chama de força e forma instintivas de nacionalidade.

Como temos Alencar como o grande representante tanto do romantismo indianista como do romantismo nacional e provável alvo desse ataque, concluímos que é possível considerar *Como e porque sou romancista* como uma resposta ao ensaio “Instinto de nacionalidade” Alencar elabora o que seria uma defesa de postura e de projeto literário narrando aquilo que considera justificar seu pensamento e sua obra literária.

A forma epistolar, escolhida pelo autor, parece querer reforçar, no leitor, o efeito de relato “autêntico”, o caráter de “sinceridade” do argumento. Isso se deve ao fato de que a carta, por sua destinação privada, a um amigo, induz um modo de leitura bem específico. Tal forma é habilmente usada por Alencar, pois ao lançar mão dessa forma como estratégia literária, o autor leva o leitor a ter a impressão de uma confidência, de uma escrita sem artifícios, logo “sincera”. Cito o início dessa suposta carta:

MEU AMIGO.

Na conversa que tivemos, há dias, exprimi V. o desejo de colher, acerca da minha peregrinação literária, alguns pormenores dessa parte íntima de nossa existência, que geralmente fica á sombra, no regaço da família ou na reserva da amizade (ALENCAR, 1959, p.101).

No exemplo, vemos a exata estrutura de uma carta, inclusive com tratamento “Meu

amigo” na abertura. Além disso, o incentivo para que Alencar escreva sua autobiografia teria partido desse amigo em uma conversa acontecida há dias, tornando os laços ainda mais fortes. Isso nos sugere, então, uma sinceridade no que se segue, pois se trata de um comunicado de um amigo para outro, ao mesmo tempo em que responde por antecipação a possíveis acusações de narcisismo, comuns na época, em relação às autobiografias.

Portanto, com todos os fatos apresentados, consideramos *Como e porque sou romancista* como uma autobiografia intelectual. Principalmente, pelo fato do texto de Alencar nos apontar a atitude e consciência de escritor que assume o papel de quem vem consolidar a literatura nacional.

Referências

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. In: Alencar, José de. *Ficção Completa*. São Paulo: Companhia Aguiar Editora, 1959, vol. I

CARRIZO, Silvina. *Fronteiras da Imaginação: os românticos brasileiros: mestiçagem e nação*. Niterói: EdUFF, 2001

LEJEUNE, Phillipe. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau á internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.